

Página
TRÊS

O preço do progresso. Aracruz, uma das cidades que mais crescem no Estado, vive seu primeiro conflito social: a invasão de uma área da prefeitura por quem sonha com uma casa

A batalha da casa própria



Muitos moradores até tentaram resistir à operação policial, no entanto, tiveram que desocupar a área e alguns até deixaram para trás pertences como móveis, roupas e outros objetos

1,6 mil moradores entraram em confronto com os 400 policiais que foram fazer a retirada

ZENÍLTON CUSTÓDIO
linhares@redgazeta.com.br

LINHARES

Aracruz é uma das cidades do Estado que mais cresce atualmente: estão previstos R\$ 3 bilhões em investimentos e 15 mil novos postos de trabalho até 2014. Mas o progresso que enche os olhos é o que traz dramas sociais devido à falta de planejamento municipal. Essa realidade foi vivida ontem por 1,6 mil moradores da cidade que, por terem ocupado ilegalmente uma área da prefeitura, foram retirados à força por 400 policiais da tropa de choque da PM.

Eles querem uma casa para morar, esperaram pela construção de um loteamento que nunca foi feito e invadiram o terreno. Com a desocupação, não têm para onde ir e a prefeitura pouco pode fazer, já que a maioria é de pessoas que foram à região em busca oportunidades.

O resultado foi um conflito violento, com gente ferida por balas de borracha e bombas de gás lacrimogênio. Cerca de 400 homens participaram da ação e os moradores resistiram por menos de 20 minutos.

Algumas pessoas reagiram disparando pedras e até bombas incendiárias contra os policiais. A reação, entretanto, não surtiu nenhum efeito que pudesse conter o avanço da missão. Assim que o domínio foi confirmado, um outro exército, formado por cerca de 80 funcionários da prefeitura de Aracruz, entrou na área, iniciando o processo de demolição.

A comerciante Rita de Cássia Moura, de 47 anos, não escondia a desolação. As três casas que ela construiu na área, para ela, para o filho e um sobrinho, foram demolidas. Disse que investiu R\$ 30 mil nas obras e que o despejo, além de deixar a família sem moradia, a deixou

endividada. Mineira residente em Barra do Riacho há 15 anos, ela tem um bar onde está há dois meses sem pagar aluguel.

“O que estão fazendo com a gente é uma covardia, muitos não têm para onde ir”, lamentou uma senhora que morava no local. Algumas pessoas se anteciparam ao processo de demolição e usando marretas e outras ferramentas tentavam arrancar da casa portas, janelas e outros materiais de maior valor.

Na confusão, Joice Benedita dos Santos Lopes Miranda, perdeu o filho de 6 anos e, até o fim da tarde de ontem, ainda tentava encontrar a criança. Outra mãe exibiu um ferimento no nariz do filho de 3 anos, afirmando que ele teria sido atingido por um tiro de borracha.

A reação mais comum entre os moradores, entretanto, era o lamento por não ter para onde ir. Uma mulher, desorientada em meio ao caos que se formou na área, apelava por ajuda, afirmando que tinha saído de uma casa onde não pagava o aluguel há cinco meses e que estava desempregada. “Para onde vou com meus filhos?”, perguntava.

Na operação foram presas quatro pessoas que resistiram à investida policial, entre elas dois menores.

A história da ocupação da área tem cerca de 1 ano e 2 meses. Inconformados com a demora dos administradores públicos municipais em viabilizar o programa Minha Casa Minha Vida, que previa a construção de 200 casas, moradores de Barra do Riacho e região decidiram ocupar o terreno.

HOSPEDAGEM

82,4 mil reais

É o montante que a prefeitura de Aracruz vai gastar para hospedagem e alimentação para os policiais que participaram da operação de Reintegração de Posse determinada pela Justiça em Barra do Riacho.



Ação envolveu 400 policiais que, diante da resistência dos moradores, dispararam bombas de gás e tiros de borracha



A comerciante Rita de Cássia Moura construiu três casas na área, para ela, para o filho e um sobrinho.

Prefeitura não vai dar casa para os imigrantes

Em nota divulgada no final da tarde, a Prefeitura de Aracruz informou que a área está destinada para a construção de 200 casas, uma creche e uma escola para famílias carentes da região. Destacou ainda que, desde o início do processo, as famílias que se encontravam no local estavam cientes de que se tratava de uma área pública e que a decisão judicial deveria ser cumprida e respeitada.

De acordo com texto do documento, quem se enquadrar nos critérios estabelecidos pelo programa “Minha casa Minha Vida”, como morar há mais de cinco anos no município e ter renda mensal de até três salários mínimos, poderá procurar a Secretaria de Habitação da Prefeitura de Aracruz, a partir das 13 horas de amanhã, para se cadastrar. Quanto às famílias que não são de Aracruz, a prefeitura vai disponibilizar passagens rodoviárias para que retornem ao local de origem.

O que eles fazem

Veja as medidas tomadas nos principais bancos do Estado

O QUE DIZEM OS MORADORES

A Prefeitura prometeu fazer um loteamento de casas populares e isso nunca se concretizou. Por isso, os moradores que haviam recebido a promessa de terem as casas ocuparam o terreno.

Eles temem que a prefeitura não faça as casas populares e que doe o terreno para empresas.

Eles não têm para onde ir e ficarão sem moradia na cidade.

O QUE DIZ A PREFEITURA

A área invadida está destinada para a construção de 200 casas para famílias carentes da região e para construção de creche e escola.

Quem já é morador da cidade há 5 anos terá direito de se inscrever para voltar para as casas construídas.

A prefeitura disponibilizou caminhões para transportar os pertences de quem não tiver como guardar. Os demais vão para o Parque de Exposições, com vigilância 24h. Deverão ser retirados em 30 dias.



O clima na área era de desolação, e uma mulher passou mal durante a operação de despejo